

As atividades como recurso para a pesquisa

Carla Regina Silva

Doutora em Educação, Professora Adjunta, Universidade Federal de São Carlos – UFSCar, São Carlos, SP, Brasil

Resumo: As atividades na Terapia Ocupacional ocupam papel central e norteador, articulam-se à sua utilização, compreensão e avaliação de suas potencialidades nas inúmeras e distintas intervenções advindas desse campo. O objetivo deste trabalho é apresentar a utilização de atividades enquanto estratégia de intervenção terapêutica ocupacional como recurso metodológico de pesquisa. Tomando-se caminhos percorridos numa pesquisa de mestrado, seguida de um trabalho de doutorado, relatam-se algumas possibilidades ao se lançar mão desse recurso como potente estratégia de investigação para o pesquisador terapeuta ocupacional. Trata-se de estruturar, sistematizar e analisar as atividades propostas na prática profissional pelo rigor teórico e metodológico adotado nos trabalhos de pesquisa. Ressalta-se como o uso das atividades podem ser importantes dados, registros, instrumentos, fontes, para distintos métodos de pesquisa, em especial para as análises qualitativas. Nos estudos citados, foram ofertadas as oficinas de atividades, operacionalizadas como instrumento de comunicação, aprendizagem e expressão das experiências pessoais e coletivas, fornecendo dados para a compreensão das ações dos sujeitos e coletivos, concebendo cada participante como ser ativo do processo. As propostas puderam resultar em experiências democráticas que refletiram maior interesse, participação e manifestação mais complexa acerca dos dados de pesquisa. Ressalta-se que também foram empregados outros distintos procedimentos metodológicos em associação às atividades, que consubstanciaram as análises e suas interpretações. Conclui-se que as atividades como recurso para pesquisa, em especial qualitativas, constituíram materialidades de diferentes linguagens e expressões que enriqueceram as análises advindas de microrrealidades, produzindo um repertório de informações que subsidiaram as interpretações necessárias aos processos investigativos.

Palavras-chave: *Atividade, Metodologia, Pesquisa, Terapia Ocupacional.*

Activities as a research resource

Abstract: Activities play a guiding central role in occupational therapy, articulating to its utilization, the understanding and assessment of its capabilities in numerous and different interventions arising from this field. In this study, we aim to present the use of activities as a research methodology resource. Considering the pathways studied in a master's research followed by a PhD work, some applications of this resource are reported as a powerful strategy of investigation for the occupational therapy researcher. It is about structuring, systematizing, and analyzing the activities proposed in professional practice by the theoretical and methodological rigor used in the research works. It emphasizes how the use of these activities can be considered important data, records, instruments and sources for different research methods, especially for qualitative analyses. Workshop activities were offered in the above mentioned studies; they were used as communication instruments and expressions of personal and collective experiences, supplying data to understand the actions of subjects and collectives. Furthermore, this strategy was applied as spaces of experimentation, learning and expression, where each participant was conceived as an active being of the process, in a way that the proposal could result in democratic experiences that reflected greater interest and participation, and a more complex presentation of the research data. It is worth mentioning that other methodological procedures, which substantiated the analyses and interpretation of the data collected, were also

used. It was possible to conclude that activities, mainly as a qualitative research resource, constituted materialities in different languages and expressions that enriched the analyses arising from micro-realities, producing a repertoire of information that supported the interpretations required for the investigative processes.

Keywords: *Activities, Methodology, Research, Occupational Therapy.*

1 As atividades na Terapia Ocupacional

Compreende-se que todo processo terapêutico ocupacional possui uma relação intrínseca com seu instrumental de trabalho, sendo que, prioritariamente, se reconhece o potencial do uso das atividades. Assim, as intervenções em terapia ocupacional dimensionam-se pelo uso da atividade, considerada elemento centralizador e orientador na construção complexa e contextualizada de seus processos (WORLD..., 2003).

Essa relação interdependente da Terapia Ocupacional e as atividades se constituíram ao longo da própria história da profissão, durante sua construção como campo específico de prática e de saber, assim como os temas da inclusão e da reinserção de sujeitos na sociedade são objetivos e metas significativas para as distintas intervenções terapêuticas ocupacionais (FRANCISCO, 2001; MEDEIROS, 2003).

As atividades podem ser compreendidas por meio de diferentes concepções, gestadas e constituídas de acordo com os diferentes momentos históricos que refletem a construção epistemológica da profissão.

Diversos autores (LIMA et al., 2011; QUARENTEI et al., 2008; FALCÃO; GUIMARÃES, 2004; MEDEIROS, 2003; TOYODA; AKASHI, 1993; JOAQUIM et al., 2003; GALHEIGO, 1988) apresentaram debates acerca dos termos relacionados à compreensão da atividade, da ação, do fazer, da ocupação, entre outras variações terminológicas presentes na Terapia Ocupacional e nas publicações específicas da área, nas quais evidenciam-se e se reconhecem a polissemia, a polivalência e a pluralidade inevitável para a construção de um campo que foi, necessariamente, marcado por práticas e saberes diversos.

Nessa semântica são apresentadas as concepções de mundo e de homem e, portanto, de sua própria ação no mundo. Além disso, deve-se atentar para compreensões distintas de um mesmo termo, que trazem entre si fronteiras de interpretações nem sempre explícitas. Como afirma Medeiros (2003), as divergências classificatórias na Terapia Ocupacional ocorrem devido às distintas perspectivas dos métodos

de análise referentes às mudanças de paradigmas de cada concepção histórico-epistemológica¹.

Há positividade nessa bricolagem se considerarmos todo o escopo de conhecimento produzido, que, por sua vez, engendra diferentes ações; muitas vezes, essas práticas, na busca de assertividade e valorização, concebem teorias, saberes e criações de diversas outras disciplinas e áreas. Segundo Furtado (1999), a riqueza da abordagem da Terapia Ocupacional está exatamente nessa possibilidade de conectar vários saberes e resultar numa prática interdisciplinar, quase sempre.

Outra implicação importante é a constituição do alicerce teórico-conceitual que se constrói nessa produção discursivo-enunciativa da Terapia Ocupacional. Visto que a clareza da composição epistemológica fundamentada em determinadas correntes teóricas leva a distintas reflexões e intervenções, essa multiplicidade e sua articulação devem estar bem estruturadas na formação do terapeuta ocupacional, tanto para uma compreensão mais complexa dos significados implicados na prática do profissional, como para a construção mais consolidada da profissão.

As possibilidades advindas da multiplicidade conceitual, teórica, prática e intervencionista refletem as características polivalentes da atividade na Terapia Ocupacional, por conseguinte, o objetivo deste trabalho é somar a esse escopo de discussão a questão da utilização das atividades como recurso metodológico de pesquisa. A ideia central é ressaltar como no uso das atividades podem ser importantes dados, registros, instrumentos, fontes para distintos métodos de pesquisa, em especial para as análises qualitativas.

2 Recursos e estratégias de pesquisa

A pesquisa científica caracteriza-se pelo esforço sistemático de – usando critérios claros, explícitos e estruturados, com teoria, método e linguagem adequada – explicitar

ou compreender os dados encontrados e, eventualmente, orientar a natureza ou as atividades humanas. A pesquisa pressupõe teorias ou visões de mundo que, em diferentes domínios de conhecimento, moldam a atividade investigativa e auxiliam a pesquisa. Essas teorias de trabalho têm sido definidas como paradigma, tradição, modelo, programa ou postura do pesquisador (CHIZZOTTI, 2011, p. 20).

A construção do saber realizada pela pesquisa científica está estruturada em um modelo que apresenta uma determinada forma de delimitação do objeto ou fenômeno a ser estudado, da demarcação do que será utilizado como dados, fontes e experimentações, assim como suas interpretações e análises. Faz-se imprescindível compreender que fundamentação teórica, metodológica ou epistemológica foi adotada para situar o trabalho desenvolvido. Tal como afirma Severino (2007, p. 100),

[...] a ciência se faz quando o pesquisador aborda os fenômenos aplicando recursos técnicos, seguindo um método e apoiando-se em fundamentos epistemológicos.

Há inúmeras formas para se caracterizar as modalidades e metodologias de pesquisa científica. Para Gil (2010), as pesquisas podem ser classificadas de acordo com a área de conhecimento, segundo sua finalidade, seus objetivos mais gerais, ou, ainda, segundo os métodos empregados. Severino (2007) utiliza a classificação por meio dos métodos adotados nas pesquisas, desse modo, elas podem ser quantitativas ou qualitativas. Seguindo esse tipo classificatório, as pesquisas podem ser: bibliográfica, documental, experimental, ensaio clínico, estudo de coorte, estudo de caso controle, estudo de caso, levantamento, fenomenológica, etnográfica, *grounded theory*, pesquisa-ação, pesquisa participante, análise de conteúdo, pesquisa de campo, exploratória, explicativa, descritiva, na internet, de laboratório, *ex-post facto*, entre outras (OLIVEIRA, 2012; GIL, 2010; SEVERINO, 2007).

Para Oliveira (2012, p. 43), metodologia de pesquisa é um processo que se inicia na escolha de um determinado tema para pesquisa até a análise dos dados, com as recomendações para a minimização ou solução do problema pesquisado. “É um processo que engloba um conjunto de métodos e técnicas para ensinar, analisar, conhecer a realidade e produzir novos conhecimentos.”

Para Marilena Chauí (1994), o método significa uma investigação que segue um modo ou uma maneira planejada e determinada para se conhecer

algo, procedimento racional para conhecimento seguindo um percurso fixado.

O método não é só a via e o processo de construção do sujeito que conhece e do objeto do conhecimento. O método é a consciência dessa via e desse processo. Se as “rupturas” teóricas e metodológicas estão ocorrendo sem método – ou seja, sem a consciência da ruptura – não é difícil entender porque o resultado é um produto sincrético, onde predomina o formalismo teórico impotente para articular a empiria dispersa (WARDE, 1990, p. 74).

Compreende-se que os métodos empregados na pesquisa são fundamentais para a construção e sistematização de dados imprescindíveis aos estudos, que, a partir de procedimentos adequados para estudar ou explicar determinado fenômeno ou problema, se direcionam para atingir os objetivos propostos.

Levando-se em conta que a pesquisa é um ato criativo, o pesquisador deve utilizar instrumentos que sejam adequados ao seu objeto de estudo e não fazer uso de uma “forma” para rotular a realidade, mas de técnicas que captem a realidade em todo o seu dinamismo [...] devendo o pesquisador formular seus instrumentais de acordo com seu objetivo (OLIVEIRA, 2012, p. 78).

Portanto, o presente trabalho apresenta o debate sobre a utilização de recursos terapêuticos ocupacionais como ferramenta para ser incorporada aos procedimentos metodológicos de pesquisa, pois oferecem de forma enriquecedora técnicas para construção da relação com possíveis sujeitos e coletivos, possibilitam uma gama de distintas expressões, aplicabilidades e materialidades que podem ser utilizadas como estratégias metodológicas, registros e fonte de dados, além de permitirem maior aproximação do pesquisador com seus instrumentos de trabalho e de análise.

Ressalta-se que são inúmeras as possibilidades de utilização das atividades como recurso para pesquisa, a depender dos distintos métodos adotados. Os registros das atividades podem assumir diferentes representações, desde de fontes documentais, clínicas, visuais (estáticas ou em movimento), materiais, orais, literárias, entre outras. Trata-se de estruturar, sistematizar, analisar e interpretar as atividades propostas na intervenção terapêutica ocupacional, sob a perspectiva da pesquisa alimentada, sobretudo, pelo rigor teórico e metodológico adotado nos trabalhos investigativos.

As atividades são recursos amplamente utilizados pelo terapeuta ocupacional, ou seja, são procedimentos dos quais o pesquisador terapeuta ocupacional possui amplo domínio e deles se beneficia desde sua estruturação, formatação, adequação, aplicação até mesmo para a realização das análises e interpretações necessárias aos resultados obtidos, possibilitando a consideração de forma mais apropriada dos sujeitos, seus contextos, suas expressões, incorporadas às demandas da pesquisa.

3 As atividades como recurso metodológico e interpretativo

Para subsidiar o debate serão apresentadas duas pesquisas nas quais recursos terapêuticos ocupacionais constituíram o arcabouço de procedimentos metodológicos de pesquisa. Tomando-se os caminhos percorridos na pesquisa de mestrado **Políticas públicas, educação, juventude e violência na/da escola: Quais as dinâmicas entre os diversos atores envolvidos?**, seguida de sua continuidade no trabalho de doutorado **Percursos juvenis e trajetórias escolares: Vidas que se tecem nas periferias das cidades**, retratam-se as possibilidades de se lançar mão das atividades aplicadas numa intervenção terapêutica ocupacional como estratégia de investigação potente para o pesquisador terapeuta ocupacional.

4 A pesquisa de mestrado

A pesquisa **Políticas públicas, educação, juventude e violência na/da escola: Quais as dinâmicas entre os diversos atores envolvidos?** teve como objeto de estudo a violência escolar e produziu intervenções em cinco escolas públicas de ensino médio. Fundamentou-se numa perspectiva sócio-histórica e seus objetivos foram: realizar um levantamento das práticas de violência na e da escola; verificar quais as condutas adotadas para lidar com as situações de violência e, ainda, analisar como essas questões se correlacionam com os processos democráticos construídos no cotidiano das instituições escolares.

A pesquisa teve como campo empírico cinco escolas públicas no município de São Carlos, SP, situadas na região central e em áreas periféricas. Procedeu-se a um levantamento junto aos sujeitos da dinâmica escolar sobre suas considerações acerca da escola, das perspectivas de futuro dos jovens e sobre a violência escolar, quais suas formas de expressão e como tem sido o seu enfrentamento.

Para tanto, foram utilizados 1.445 questionários semiestruturados, específicos para a categoria alunos e realizadas entrevistas individuais com funcionários, direção, seguranças, professores, pais e alunos. Na segunda fase da investigação foram realizadas oficinas de atividades nas quais foram trabalhadas questões referentes à dinâmica escolar e às expressões de violência. Os resultados foram avaliados quantitativamente e qualitativamente, utilizando-se material gráfico, fotográfico e ainda o registro e a análise dos conteúdos dos atores envolvidos (SILVA, 2007a).

5 As atividades como estratégias metodológicas

A metodologia empregada para a coleta dos dados qualitativos foi estruturada por oficinas de atividades ofertadas para adolescentes e jovens estudantes do ensino médio. Foram realizados 12 encontros semanais, com três turmas em cada uma das cinco escolas parceiras², atingindo cerca de 340 alunos.

Os trabalhos e as dinâmicas grupais desenvolvidos nas oficinas de atividades foram utilizados como instrumentos de comunicação e expressão das experiências pessoais e coletivas, das opiniões, das declarações e da compreensão e apreensão daquele universo juvenil. A fundamentação teórica centrou-se na perspectiva da Terapia Ocupacional no campo social (SILVA, 2007a).

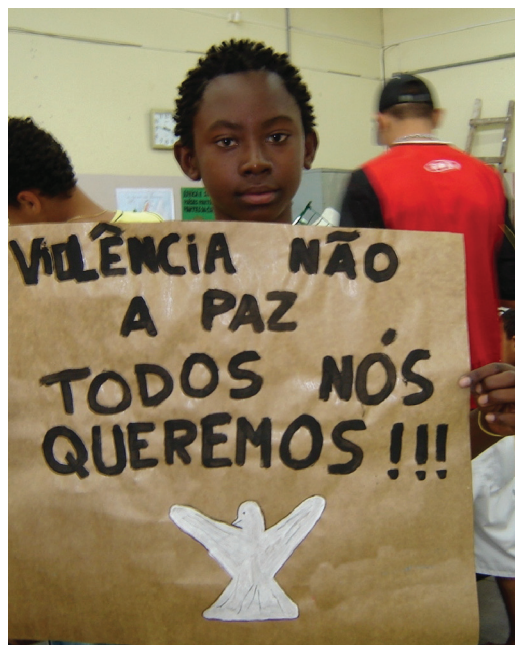


Figura 1. Produção coletiva realizada numa Oficina de Atividades.

Os espaços constituídos para e pelos jovens propiciaram momentos de reflexão sobre suas experiências cotidianas, marcados por diferentes formas de expressão, de olhares e de compreensão do vivido. Nos encontros foram priorizadas formas equitativas e democráticas para a troca de experiências, opiniões e sentimentos em formatos lúdicos, artísticos e dinâmicos - ou seja, em atividades sempre locadas numa coletividade (Figura 1).

A atividade, a partir do aprendizado e do reconhecimento da necessidade do sujeito e desenvolvimento da capacidade dele de buscar soluções próprias e criativas para suas questões, torna a técnica dependente da interpretação e da apreensão da realidade e não o inverso (BARROS; GHIRARDI; LOPES, 2002, p. 101).

As oficinas de atividades foram compreendidas como espaços de experimentação, aprendizagem e expressão (Figura 2 e 3); nelas concebe-se cada participante como ser ativo no processo de construção do sujeito, um ser da práxis, da ação e da reflexão (SILVA, 2007b).

As oficinas de atividades em cada escola consideraram: o contexto da escola e dos alunos; a vinculação estabelecida com as diferentes turmas; o interesse dos jovens para discutir e se envolver

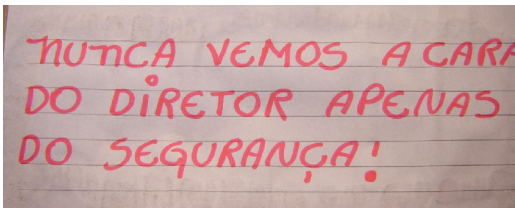


Figura 2. “Nunca vemos a cara do diretor apenas do segurança”. Expressão e denúncia de jovens frente sua realidade escolar - produto da Oficinas de Atividades.

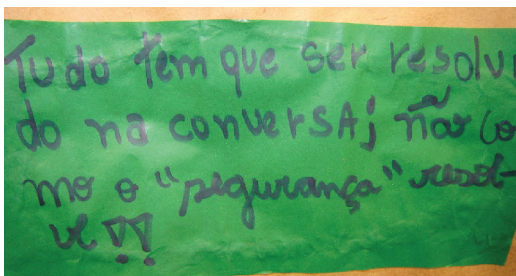


Figura 3. “Tudo tem que ser resolvido na conversa; não como o “segurança” resolve”. Proposta do diálogo para a resolução de conflitos - produto da Oficina de Atividades.

(Figura 4); o tempo de cada oficina (duração de 50 minutos) e os temas preestabelecidos que guiaram as discussões. Os encontros eram bastante aguardados pelos alunos; a cada semana uma nova proposta era solicitada e construída com as turmas. Todas as abordagens se deram por meio do uso de atividades dramáticas, plásticas e lúdicas - o que sensibilizava, favorecia e aguçava a discussão entre os jovens (SILVA, 2007a).

As temáticas foram: quem sou eu? (dinâmica de apresentação e compreensão sobre quem eram aqueles adolescentes e jovens); o que pensavam sobre: a escola; a violência (familiar, urbana, física, verbal, moral, entre outras classificações); os atores envolvidos em situações de violência; as possíveis causas da violência; as vítimas e os algozes (e se isso poderia ser assim compreendido); e, ainda, as proposições para uma escola melhor. As propostas realizadas foram:

Apresentação: os alunos deveriam se apresentar por meio da escrita, contando sobre atividades que gostavam de fazer, sobre seu dia a dia, e enumerando características pessoais que considerassem importantes para sua identidade. Junto às informações, cada um escolhia uma foto com uma imagem que o representasse.

Discussão em grupo: produção de cartazes com as questões: Qual o significado da escola para você? O que mais gosta na escola? O que mudaria na escola? Como a escola contribui para suas perspectivas futuras?

Produção de um jornal coletivo: com o tema da violência no mundo e na escola, os alunos desenvolveram matérias, desenhos, títulos e manchetes para suas notícias.



Figura 4. Utilização de distintos recursos para priorizar a expressão dos jovens.

Dramatizações: foram elaborados e apresentados esquetes de situações já experienciadas pelos alunos, tais como apresentações de entrevistas, poesias e notícias acerca da violência na escola.

Julgamento: toda a turma encenou o julgamento de um aluno de 16 anos que havia sido apreendido com drogas no interior da escola, dessa forma vivenciaram os diferentes papéis da organização escolar e expuseram seus diversos pontos de vista em relação à violência e às drogas.

Recorte e colagem – Proposições para uma escola melhor: foram levantadas as opiniões e sugestões de como tornar a escola um espaço de participação, em contraposição ao da obediência e, como resultado, foi produzido um painel de ideias.

Mímicas ou desenhos: por meio do jogo “mímica ou desenho” foram elencadas as causas da violência escolar que os alunos identificavam e já haviam presenciado.

Documentário: a elaboração de um documentário foi um recurso bastante interessante para certas turmas. Nessa proposta, toda a turma devia se envolver na produção de um documentário sobre violência. Sendo assim, foram gravados depoimentos, entrevistas, simulações de programas televisivos e discussões que forneceram um material muito rico acerca da violência urbana e escolar vivenciada por esses jovens.

Exposição: foram realizadas avaliações acerca das oficinas e das temáticas discutidas e, na finalização dos encontros, todo o material confeccionado pelos adolescentes e jovens foi exposto como síntese do trabalho a toda a comunidade escolar.

Para o registro das oficinas de atividades foram utilizados diários de campo e equipamentos audiovisuais como gravadores, máquinas fotográficas e filmadoras, que também foram utilizados para a realização de algumas atividades ofertadas. Esses recursos puderam ampliar a forma de expressão dos adolescentes e jovens, estabelecendo estratégias criativas que envolviam a atenção, o interesse e a curiosidade pelas propostas e pelas temáticas. A pesquisadora afirma que

[...]foi possível estabelecer redes de vinculação – importantes para o processo de investigação realizado, a confiança dos alunos na pesquisadora pôde ser conquistada

e, conseqüentemente, os relatos e as reflexões foram sendo gradativamente expostos com maior riqueza e envolvimento dos participantes (SILVA, 2007a, p. 117).

6 Outras estratégias metodológicas

Nesse caso, a utilização das oficinas de atividades como recurso metodológico esteve associada com outros instrumentos de pesquisa - entrevistas e questionários. Para a análise dos dados qualitativos foram realizadas entrevistas semiestruturadas com pais, diretores, coordenadores, inspetores, professores e alguns alunos³ e aplicados 1.145 questionários com alunos do ensino médio. Após a categorização dos dados foram confeccionados gráficos, cruzamentos e cálculos apropriados para as análises. O questionário possui cinco partes definidas como: dados pessoais, vida escolar, violência escolar e, ainda, perspectivas de futuro e espaço livre para outras observações. Sua aplicação permitiu o levantamento significativo sobre: idade, gênero, realidade socioeconômica, o que pensam sobre a escola, seus interesses, suas perspectivas, considerações sobre violência, dados sobre situações violentas na escola, uso de armas, álcool e drogas na escola.

7 Considerações

Destaca-se que as atividades empregadas como recurso metodológico corroboraram com a relação estabelecida com o campo investigativo, promoveram um contato direto com o cotidiano escolar e facilitaram as relações estabelecidas com todos os atores envolvidos. Observações realizadas pelos próprios profissionais da escola já apontavam alguns efeitos percebidos em curto tempo, como: alunos mais participativos, envolvimento de alunos que não participavam da mesma forma das aulas regulares como das oficinas de atividades e algumas produções de alunos que, muitas vezes, foram elogiadas por professores e diretores. Dessa forma, valorizaram a estratégia metodológica empregada, pois sentiram nela uma relação de troca.

[...] a opção pela abordagem qualitativa [...] resultou numa postura mais presente e consciente da pesquisadora e, em relação ao seu objeto, possibilitou relatos que aprofundaram questões e vivências individuais, referentes às suas relações e redes de apoio pessoais e institucionais, pautadas nas discussões acerca da violência *na e da* escola que vivenciam esses

adolescentes e jovens de grupos populares urbanos – considerando as peculiaridades e complexidades de seus diferentes contextos, realidades, atores e dinâmicas (SILVA, 2007a, p. 114-115).

8 A pesquisa de doutorado

A pesquisa **Percursos juvenis e trajetórias escolares: Vidas que se tecem nas periferias das cidades** se debruçou sobre a juventude brasileira e suas demandas específicas em relação à educação e ao trabalho com o objetivo de correlacionar e apreender as interações macrosociais naquilo que se pode definir como microsociais – nos percursos de vida e nas trajetórias escolares de quatro jovens pobres, moradores da periferia de uma cidade de médio porte no interior do estado de São Paulo. A pesquisa lançou mão de procedimentos metodológicos que tomaram por base uma composição de estratégias, entre elas, acompanhamentos individuais e coletivos no território, articulação de recursos sociais, dinamização da rede de suporte, as oficinas de atividades, dinâmicas e projetos e, especialmente, a apreensão do território de pesquisa. Dentre os resultados, destaca-se que as políticas adotadas em sintonia com o sistema capitalista de produção e com a doutrina neoliberal contemporânea têm apresentado estratégias pouco eficientes e inadequadas. Da mesma forma, a família e a sociedade revelam-se, igualmente, suportes precários ou insuficientes para alavancar os projetos de vida apresentados pelos sujeitos da pesquisa.

9 As atividades como estratégias metodológicas

O campo de pesquisa delimitado nesta pesquisa foi resultado da intersecção entre o estudo, a investigação e a intervenção técnica da pesquisadora num território localizado numa região periférica da cidade de São Carlos, SP, iniciados em 2005 e continuados até 2011, dos quais resultaram os acompanhamentos e a sistematização dos percursos de vida e das trajetórias escolares de quatro jovens.

Para estabelecer a correlação entre o trabalho técnico e o de pesquisa, foi necessário embasamento teórico capaz de fundamentar e sustentar a investigação a partir do que era coletado, experimentado e agenciado no campo da intervenção em Terapia Ocupacional. Assim como optou-se pela utilização de distintos procedimentos metodológicos e a articulação entre eles (SILVA, 2012).

A intervenção realizada esteve ancorada pelo pressuposto teórico e metodológico proposto pela Terapia Ocupacional Social, protagonizado pelo METUIA⁴. Sendo assim, foram utilizados: os acompanhamentos individuais e territoriais, a articulação de recursos no campo social, a dinamização da rede de atenção e as oficinas de atividades, dinâmicas e projetos.

Os acompanhamentos individuais e territoriais são utilizados na Terapia Ocupacional Social como estratégia de intervenção que possibilita uma percepção e interação mais real do cotidiano e contexto de vida dos indivíduos, interconectando suas trajetórias de vida, sua situação atual e sua rede de relações. Os acompanhamentos individuais e territoriais partem da escuta atenta das demandas de pessoas, grupos ou coletivos na direção do seu equacionamento, na maioria das vezes determinada por situação de vulnerabilidade, desigualdade social e falta de acesso a serviços sociais e bens essenciais (LOPES; BORBA; CAPPELLARO, 2011).

A articulação de recursos no campo social compreende uma gama de ações realizadas desde o plano individual, passando pelos grupos, coletivos, até os níveis da política e da gestão.

[...] a estratégia está em manejar as práticas em diferentes níveis de atenção em torno de objetivos comuns e utilizar os recursos possíveis, compreendidos como dispositivos financeiros, materiais, relacionais, afetivos ou outras aptidões, sejam eles micro ou macrosociais, para compor as intervenções (SILVA, 2012, p. 102-103).

A dinamização da rede de atenção visa mapear, divulgar e consolidar todos os programas, projetos e ações voltados para determinados grupos populacionais e/ou comunidades, com o intuito de fomentar a interação e a integração entre eles, articulando os diferentes setores e níveis de intervenção, facilitando a efetividade e o direcionamento das estratégias (SILVA, 2012).

Oficina de atividades, dinâmicas e projetos. A participação dos jovens em oficinas estabeleceu uma relação de vínculos, fazeres e expressões que puderam ser absorvidas como recurso para pesquisa de diferentes formas, tanto em sua materialidade (registros e fontes de pesquisa) como na construção de uma relação de confiança (entre pesquisadora e sujeito).

As oficinas são espaços constituídos por um agrupamento social nos quais são estabelecidas propostas relacionadas ao fazer, à ação humana, que promovem a aprendizagem compartilhada.

Ressalta-se o caráter ativo do sujeito nesse processo, assim como o caráter dinâmico dessas experiências relacionais: entre participantes, espaço, materiais, memória, sensações, enfim, entre tudo aquilo que esteja sendo efetuado no momento dessa vivência (SILVA, 2007b, p. 213).

Para fundamentar e respaldar a utilização desse arcabouço teórico e metodológico não apenas como intervenção, mas como eixo estruturante para pesquisa, foi empregado o conceito desenvolvido por Bourdieu (2003) como objetivização participante⁵ (*l'objectivation participante*).

A objetivização participante seria a “objetivização do sujeito da objetivização, do sujeito em análise, em suma, do pesquisador por ele mesmo” (BOURDIEU, 2003, p. 43)⁶. Trata-se de um procedimento metodológico na contramão do pretendido pela ciência positivista, cujo pesquisador, sua pesquisa e suas análises não assumem um papel neutro. Portanto, a relação dicotômica entre a objetividade e a subjetividade se rompe, a vivência é transformada em maior acumulação de capital para produzir conhecimento científico. Aliás, visa integrar as atividades de pesquisa à realidade de um determinado local para uma intervenção interessada:

Consiste em observar-se o observante, observar o observador em seu trabalho de observação ou de transcrição de suas observações, no e pelo retorno de suas experiências de campo, sobre o relato aos informantes e, por último mas não menos importante, sobre o relato de todas suas experiências (BOURDIEU, 2003, p. 43-44)⁷.

Para Bourdieu (2003), essa estratégia resulta em dupla aproximação, também em relação ao seu eu social e individual, com suas possibilidades e seus limites circunscritos na realidade. Ela requer do pesquisador distanciamento suficiente para que se possa exercer toda análise necessária da investigação, mantendo, ao mesmo tempo, vinculação intrínseca do pesquisador com o objeto de pesquisa.

O caminho percorrido pela pesquisadora deste trabalho transitou entre interpretações e estudos capazes de revelar e sistematizar uma série de saberes a partir de sua própria prática e intervenção, estando essas imersas na realidade dos próprios jovens, da mesma forma em que apreendia todo contorno no qual se teceram seus percursos e suas trajetórias (SILVA, 2012, p. 107).

10 Considerações

Os recursos de pesquisa utilizados contribuíram para a análise das relações estabelecidas entre as

políticas públicas nos percursos de vida e nas trajetórias escolares de quatro jovens protagonistas dessa investigação. A fundamentação teórica alicerçada pelos preceitos de Bourdieu possibilitou que as ações e intervenções terapêuticas ocupacionais realizadas num determinado território pudessem participar de forma ativa da construção do cabedal investigativo, fazendo com que a técnica-pesquisadora pudesse exercer sua intervenção interessada ao mesmo tempo em que se fez intérprete de suas próprias análises.

A pesquisadora, nesse contexto, também apresenta os desafios, dados pelo entrelaçamento entre aproximações e distanciamentos que o técnico-pesquisador precisa realizar no campo de atuação, que também é investigativo.

A busca deve seguir a direção de construir espaços equidistantes o suficiente para que não se esteja totalmente imerso naquela realidade (de tal forma que não se consiga mais se separar dela), e pelo mesmo motivo não se deve estar tão longe (o bastante para que dada realidade ainda lhe cause estranhamento). Essa analogia contribui para que a investigação interessada possa de fato compor análises críticas com base na realidade, que foi simultaneamente experimentada e alterada pelo sujeito e minuciosamente examinada (SILVA, 2012, p. 303).

Além disso, a pesquisadora afirma que o formato empregado na pesquisa também contribuiu para o acompanhamento dos jovens em distintos espaços e situações e por longo período de tempo (5 a 6 anos), alimentando a relação estabelecida e, acima de tudo, contribuindo para apreensão de seu cotidiano, suas reflexões e sua postura no mundo.

11 Conclusões

Nos estudos citados, foram propostas dinâmicas grupais desenvolvidas em oficinas de atividades operacionalizadas como instrumento de comunicação e expressão das experiências pessoais e coletivas, das opiniões, das declarações em convivência, fornecendo dados riquíssimos para a compreensão da população-alvo das ações e igualmente, sujeitos da pesquisa. Além disso, a estratégia foi compreendida como espaço de experimentação, aprendizagem e expressão; concebendo cada participante como ser ativo no processo de construção de sujeito, um ser da práxis, da ação e da reflexão.

As análises decorrentes dos procedimentos empregados demonstraram a apreensão da realidade

a partir das expressões produzidas pela singularidade dos sujeitos, suas relações, experiências de vida e concepções de mundo.

Não obstante as utilizações de atividades como recurso para pesquisa estejam centradas em experiências singulares e focais, elas constituíram-se como materialidades de diferentes linguagens e expressões que enriqueceram as análises advindas dessas microrrealidades, produzindo um repertório de informações que subsidiaram as interpretações, de acordo com os objetos das investigações.

Esta proposição é central nas pesquisas qualitativas e ativas; segundo Merriam (1998), a pesquisa qualitativa e todo seu espectro de possibilidades de investigação baseiam-se em uma visão da realidade como socialmente construída pelos indivíduos em suas interações.

Sendo assim, as pesquisas qualitativas devem considerar o caráter dinâmico de sua problemática visando buscar informações fidedignas para explicar em profundidade o significado, as características e as inter-relações de seu objeto de pesquisa. Nas pesquisas apresentadas foi possível apreender que a partir do uso das atividades as propostas puderam resultar em experiências de base democrática e igualitária, que refletiram-se em maior interesse, participação e apresentação mais profunda e complexa dos dados de pesquisa correlacionados durante todo o processo investigativo.

Essas estratégias metodológicas usufruem do potencial formador e transformador da atividade, que possibilita um contato aproximado com o público-alvo, a partir do qual se torna viável aprofundar a leitura das necessidades individuais, grupais e coletivas; também promoveram uma maior conexão e convivência, a experimentação de um espaço produtor de sociabilidade e trocas que pode transcender para um contexto mais amplo.

Outra característica presente nessa abordagem foi a participação/intervenção da pesquisadora terapeuta ocupacional com relação aos sujeitos/objetos do processo, na perspectiva da objetivação participante de Bourdieu. A pesquisadora como parte do processo pôde explorar suas potencialidades e perceber-se ativa e constituinte nas relações construídas e estabelecidas no campo, a partir de sua inserção e atuação como terapeuta ocupacional no campo de pesquisa. Dessa forma, a pesquisadora experimentou formas de vinculação e integração que por sua vez transformaram sua forma de apreender expressões e percursos de vidas juvenis para construir novas interpretações com participação interessada e objetivando a transformação da realidade.

Corroborando com o desígnio das pesquisas qualitativas que admitem a realidade como fluente e contraditória, assim os processos de investigação dependem do pesquisador, sua concepção, seus valores e seus objetivos, assim como, nas pesquisas ativas, o uso de técnicas e recursos que favoreçam o desenvolvimento consequente da ação que objetiva superar o problema enfrentado (CHIZZOTTI, 2011).

Conclui-se que o caminho de pesquisa apresentado nos trabalhos traz novas possibilidades para intervenções e pesquisas interessadas que pretendam articular as ações técnicas com estudos em profundidade, visando sínteses interpretativas de problemas concretos, produzindo análises críticas, sejam elas micro ou macrosituadas, específicas ou interconectadas com diferentes setores e saberes. Contribuindo, acima de tudo, para a construção de conhecimento em Terapia Ocupacional.

Referências

- BARROS, D. D.; GHIRARDI, M. I. G.; LOPES, R. E. Terapia Ocupacional Social. *Revista de Terapia Ocupacional da USP*, São Paulo, v. 13, n. 3, p. 95-103, set./dez. 2002. <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2238-6149.v13i3p95-103>
- BOURDIEU, P. L'objectivation participante. *Actes de La Recherche em Sciences Sociales*, Paris, v. 150, p. 43-58, 2003.
- CHAUÍ, M. *Introdução à história da filosofia: dos pré-socráticos a Aristóteles*. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- CHIZZOTTI, A. *Pesquisa qualitativa em ciências sociais humanas e sociais*. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.
- FRANCISCO, B. R. *Terapia Ocupacional*. 2. ed. São Paulo: Papirus, 2001.
- FALCÃO, I. V.; GUIMARÃES, D. S. L. Análise de atividades e formação do terapeuta ocupacional: um estudo com os preceptores de estágio da UFPE. *Revista de Terapia Ocupacional da USP*, São Paulo, v. 15, n. 2, p. 63-70, 2004. <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2238-6149.v15i2p63-70>
- FURTADO, E. Conversando sobre identidade profissional. *Revista de Terapia Ocupacional da USP*, São Paulo, v. 10, n. 2-3, p. 46-8, maio/dez. 1999.
- GALHEIGO, S. *Terapia Ocupacional: a produção do conhecimento e o cotidiano da prática sob o poder disciplinar: em busca de um depoimento coletivo*. 1988. 84 f. Dissertação (Mestrado em Educação)-Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1988.
- GIL, A. C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.
- HOUAISS, A. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa eletrônico*. versão monousuário 1.0. Rio de Janeiro: Instituto Antônio Houaiss, Editora Objetiva, 2009.
- JOAQUIM, R. H. V. T. et al. Conhecendo as concepções e as práticas de análise da atividade dos terapeutas ocupacionais. *Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar*, São Carlos, v. 11, n. 1, p. 62-74, jan./jun. 2003

- KUHN, T. S. *A estrutura das revoluções científicas*. São Paulo: Perspectiva, 2006.
- OLIVEIRA, M. M. *Como fazer pesquisa qualitativa*. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.
- LIMA, E. M. F. A. et al. As Atividades no Campo da Terapia Ocupacional: mapeamento da produção científica dos terapeutas ocupacionais brasileiros de 1990 a 2008. *Revista de Terapia Ocupacional da USP*, São Paulo, v. 22, n. 1, p. 68-75, jan./abr. 2011. <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2238-6149.v22i1p68-75>
- LOPES, R. E.; BORBA, P. L. O.; CAPPELLARO, M. Acompanhamento individual e articulação de recursos em Terapia Ocupacional Social: compartilhando uma experiência. *Mundo da Saúde*, São Paulo, v. 35, n. 2, p. 233-238, 2011.
- MEDEIROS, M. H. R. M. *Terapia Ocupacional: um enfoque epistemológico e social*. São Carlos: EdUFSCar, 2003.
- MERRIAM, S. B. *Qualitative research and case study applications in education*. 2nd ed. San Francisco: Jossey-Bass, 1998.
- QUARENTEI, M. S. et al. Entre atividade, ocupação, ação e fazer: diversidade e polissemia na constituição do conhecimento de terapia ocupacional. In: CONGRESSO NORTE E NORDESTE DE TERAPIA OCUPACIONAL, 7., 2008, Salvador. *Anais...* Recife: Ed. Universitária UFPE, 2008.
- SEVERINO, A. J. *Metodologia do trabalho acadêmico científico*. 23. ed. ver. atual. São Paulo: Cortez, 2007.
- SILVA, C. R. *Políticas Públicas, Educação, Juventude e Violência na/da Escola: Quais as dinâmicas entre os diversos atores envolvidos?* 2007. 196 f. Dissertação (Mestrado em Educação)-Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2007a.
- SILVA, C. R. Oficinas. In: PARK, M. B.; FERNANDES, R. S.; CARNICEL, A. (Orgs.). *Palavras-chave em educação não formal*. Holambra: Editora Setembro; Campinas, Unicamp/CMU, 2007b. p. 213.
- SILVA, C. R. *Percursos juvenis e Trajetórias escolares: vidas que se tecem nas periferias das cidades*. 2012. 331 f. Tese (Doutorado em Educação)-Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2012.
- TOYODA, C. Y.; AKASHI, L. T. Atividade: conceito e utilização pelos terapeutas ocupacionais – docentes do Estado de São Paulo. *Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar*, São Carlos, v. 4, n. 1-2, p. 26-35, jan./dez. 1993.
- WARDE, M. O papel da pesquisa na pós-graduação em educação. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, v. 73, p. 67-75, 1990.
- WORLD FEDERATION OF OCCUPATIONAL THERAPISTS - WFOT. *Definições de terapia ocupacional*. Lins: Faculdades Salesianas de Lins, CETO/SP, ABRATO, 2003.

Notas

- ¹ De acordo com as concepções de Kuhn (2006), a construção do conhecimento ocorre em um processo dinâmico, envolvendo períodos de rompimento entre as concepções que engendram novos paradigmas, ou seja, mudanças na organização do pensamento científico.
- ² O número de participantes foi variável a cada semana, contudo apresentou um número satisfatório de jovens, uma vez que as oficinas de atividades foram capazes de manter uma vinculação com um determinado grupo de jovens que deu continuidade ao processo dos encontros. Em uma das escolas, as oficinas de atividades foram realizadas nos fins de semana junto com o Programa Escola da Família por solicitação da direção. O número de jovens participantes variou em torno de 60.
- ³ As entrevistas foram realizadas no final das atividades de campo, pois nessa fase do projeto os entrevistados já reconheciam e já depositavam certa confiança na pesquisadora, o que favoreceu o desenvolvimento das entrevistas.
- ⁴ O METUIA é um grupo interinstitucional de estudos, formação e ações pela cidadania de indivíduos em processo de ruptura das redes sociais de suporte. Foi criado em 1998 por docentes de Terapia Ocupacional de universidades paulistas. Desde então, sua proposta tem sido a de desenvolver projetos no âmbito do ensino, da pesquisa e da extensão em Terapia Ocupacional Social. Dentre suas atividades mais importantes podemos destacar os programas de intervenção em suas conexões com os setores da assistência social, cultura, educação e saúde.
- ⁵ *Objetivação*, segundo o dicionário *Houaiss* (2009), significa o “ato ou efeito de objetivar” ou, ainda, no marxismo, “o processo por meio do qual o trabalho humano, transformando a natureza circundante, é materializado em objetos, o que pode ser empreendido conscientemente [...] ou de forma alienada”. Já o verbo *objetivar* significa “dar expressão a (uma noção abstrata, um sentimento, um ideal) numa forma que pode ser experienciada por outros”, ou “dar existência material”.
- ⁶ “*l’objectivation, du sujet analysant, bref, du chercheur lui-même*”.
- ⁷ “*celle qui consiste à s’observer observant, à observer l’observateur dans son travail d’observation ou de transcription de ses observations, dans et par un retour sur l’expérience du terrain, sur le rapport aux informateurs et, last but not least, sur le récit de toutes ces expériences*”.